

NELSON RODRIGUES E AS PÍLULAS DO SABER

Aluno: Manoela Ferrari

Orientador: Marília Rothier Cardoso

Introdução

A leitura da tradição filosófica nos oferece um instrumental teórico e conceitual a partir do qual podemos encontrar novas dimensões para repensar o significado das crônicas e frases de Nelson Rodrigues. Com total domínio da palavra, Nelson Rodrigues explorava criticamente situações-limite em vários campos da atividade e do interesse humanos.

Esta pesquisa investiga uma parcela das crônicas e das frases do escritor, analisando o processo de manipulação engenhosa da Linguagem para refletir sua maneira de pensar e conceituar o mundo. Ironia, sarcasmo, ruptura com a tradição, questionamento da verdade e da moral, criatividade e sentimento estético, estilo irônico e fragmentado. Todas essas características refletem uma tensão permanente no processo de criação do saber inserido nas frases e crônicas aqui selecionadas, agrupando pensamentos continuamente em “montagem e desmontagem”- pontos que aproximam Nelson Rodrigues do método reflexivo anti-objetivista.

A postura questionadora de Nelson Rodrigues se reflete numa escrita capaz de deslocar o leitor, trazendo-o para dentro do texto. Quando o enunciado de um pensamento “afeta” o leitor e sobrevive às instâncias do tempo considera-se que ele encerra um objeto de reflexão. À luz desse raciocínio, este trabalho se fundamenta na aposta da construção de um saber epistemológico inserido nas frases e crônicas aqui selecionados.

Objetivos

Analisar o processo de manipulação do *corpus* escolhido (crônicas e frases do escritor), apontando para os recursos retóricos estrategicamente utilizados. Explicitar as diversas possibilidades de significação inseridas nesses textos, ressaltando o dialogismo advindo do pressuposto da cumplicidade do leitor para interpretá-los. Pesquisar o pensamento subjetivo do autor, buscando alcançar o raciocínio implícito nas entrelinhas.

Interpretar o corpus selecionado em sua perspectiva ensaística, considerando-o como construção literária geradora de um saber cuja orientação epistemológica afasta-se do objetismo de linhagem socrática para, através do jogo retórico, aproximar-se do pensamento dos sofistas.

. Metodologia:

Como ponto de partida, esta pesquisa aborda a definição do fragmento na tradição da filosofia ocidental, o “aforismo”. No corpus analisado, percebe-se que o registro formal da realidade é recriado em forma de comentário, tudo examinado pelo ângulo subjetivo do autor que se inventa como personagem. A aparência de simplicidade na escrita camufla uma engenhosidade estratégica para construção de um saber crítico e epistemológico, mediado pela elaboração minuciosa dos recursos de Linguagem.

Nas crônicas e frases de Nelson Rodrigues podemos verificar a exploração das potencialidades da língua e a construção frasal capazes de provocar significações variadas e impactantes. Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta o “instante” breve dos acontecimentos cotidianos e lhe confere uma complexidade despercebida pelo público,

levando-o, através de uma liberdade criadora, a uma reflexão até então obscurecida. Manipulando todos os recursos estilísticos e as artimanhas da retórica típica dos filósofos sofistas, Nelson Rodrigues alcançava o despistamento temático: “imitando” a estrutura de conversas coloquiais, o cronista começa a falar de um tema e acaba conduzindo o leitor a reflexões mais complexas, apontando contradições da moral convencional, com humor desconcertante. Com esse poder de nos projetar para além do que está impresso, Nelson Rodrigues reafirma a sua condição de artista, recriando a vida em seus mínimos detalhes, especialmente aqueles que podem estar camuflados. Ressaltando a ambivalência com paradoxos e lançando mão do humor, Nelson Rodrigues atenta para a ambigüidade que assola o indivíduo e a sociedade.

Cada fragmento deve valer por si mesmo em sua individualidade, carregando um significado, não se constituindo como um trecho ou parte de um outro gênero literário. Encerra ele próprio o pensamento do instante que se quer exprimir. Nelson Rodrigues utiliza essa escrita condensada do registro do instante como um espaço privilegiado para romper com a linguagem racionalista do discurso lógico. Seu caráter polêmico e irreverente rompe com as tradições da racionalidade argumentativa, questionando os conceitos cristalizados. A busca desse processo de construção literária do saber conta com o suporte teórico do embate acerca das questões do significado, surgido com os primeiros filósofos. Um breve panorama da cena inicial da filosofia grega aponta para os dois grandes paradigmas do pensamento ocidental – bipartido pela rivalidade entre os socráticos e os sofistas -- que atravessou a modernidade e continua vivo no período contemporâneo.

Este trabalho se justifica porque pretende preencher uma lacuna a respeito da investigação reflexiva sobre a produção narrativa cotidiana de Nelson Rodrigues (alçando-a ao mesmo patamar da sua tão propagada dramaturgia), analisando o seu processo de construção do saber a partir de crônicas e fragmentos.

Conclusões

A liberdade criadora inserida nas crônicas e nas frases de Nelson Rodrigues não se limita à estética da criação literária. Ela se dirige à liberdade criadora do leitor e o incita a recompor a obra pela leitura (que é, ela também, criação). Portanto, ao ligar a observação empírica do cotidiano à sua produção artística, Nelson não só produz literatura, como também cria um saber epistemológico.

Referências

- 1 - ARRIGUCCI Jr., Davi. **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Schwarcz, 1987 .
- 2 - BARTHES, Roland. **A preparação do romance, vol I**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- 3 - CASTRO, Ruy. (Org.) **Flor de obsessão: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- 4- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- 4 - RODRIGUES, Nelson. **O Óbvio Ululante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 7ª. reimpressão.
- 5 - RODRIGUES, Nelson. **À Sombra das Chuteiras Imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- 6 - SCHLEGEL, Friedrich. **O dialeto dos fragmentos**. São Paulo: Iluminuras, 1997.